

08-03-2021

VEJA ONDE VOCÊ ESTÁ PISANDO!

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

De forma intermitente, pego o meu carango velho em Goiânia, passo pela linda “Goiás velho”, cidade de Cora Coralina e me dirijo rumo ao Mato Grosso (MT), especificamente em direção à cidade de Araguaiana.

A minha mãe, no pleito dedicado de amor e de cuidado, quando dela despeço-me, sempre me diz: “cuidado com o rio, veja onde você está pisando!”. O rio, os pescadores dizem, é misterioso. Tem uma voz, dá pulos, contorce, é, às vezes, traiçoeiro. Um enigma de águas correntes.

À medida que se aproxima dos velhos pescadores as histórias chegam. São bêbados que caem no rio e nunca mais voltam; são jovens que, no afã de enfrentarem as águas, se perdem em seu labirinto. Um peixe enorme tirou o pescador do barranco e levou para a sua toca – contam. Eu sou apenas um pescador de paisagens.

Geralmente, no poente, eu saio com as minhas duas varas de pescar paisagens: os meus olhos. Tenho preferência pelo momento em que o lusco-fusco desenvolve uma esplêndida alquimia: o dia vai se perdendo no horizonte e a noite, ainda preguiçosa, vai chegando sob o canto de araras. Sem chegar de todo, a noite deixa espaço para o dia lambar a sua nuca espessa. Eles se cruzam celestialmente. Uma transa atmosférica. A luz do poente - amareluz - palpita-se a partir de um pincel vanghoguiano, que faz do céu quase um ventríloquo. Ele rebrilha como se fosse ouro de cauda longa, de repente se encolhe com rapidez, passa debaixo de uma nuvem gorducha, arranca cera do ouvido de Deus e desenha o ditador em posição de Napoleão perdendo a guerra. Aos poucos, em faiscamento, a lua saúda o ambiente como um balão luminoso.

O lusco-fusco esclarece o tema e o destino.

É momento de colher, com o nariz, a umidade cheirosa do rio; é momento de encadear namoro com o firmamento e ver o reflexo do céu caminhar na lâmina do rio.

A extravagante alquimia se consuma: o céu vai para o rio, o rio vai para o céu, os meus olhos pescam paisagens.

A cor do céu se desmancha, a tinta pinta o pensamento.

E dali pode haver o curso de uma concepção pictórica do mundo. Primeiro rudimento: contemplar é uma forma de celestiar-se. A consciência pictórica do mundo...

Estamos, nós gentes da terra, lançados num mundo de água, de relevos, de sinuosidades, de formas e espécies. De luz e sombras; de ar. Pois bem! Quando minha mãe replica - “veja onde pisa!” - a pescaria de paisagens se transforma na minha cabeça. Recoloco a sua pergunta: onde estou?

Qual é a circunstância sobre a qual está posta a minha ação, a minha força, as minhas concepções?

Estamos, pois, inclusos e implicados num jogo de determinações e acasos; de realidade e potência.

O Araguaia, rio indígena, símbolo do Cerrado, é acossado por agrotóxico na sua nascente; é pressionado por pastagens e desmatamentos nas suas beiras. É ferido pela urbanização ilegal de suas margens. A manobra produtiva do campo coloca o Brasil como o quarto exportador de produtos perdendo apenas para a China, EUA e Índia; a lógica da monocultura se faz devastadora; a liberação de quase 500 tipos de agrotóxicos intoxica o campo, os córregos, os rios; o poder dos ruralistas celebra uma hegemonia predatória. E mais: o incentivo à invasão de terras indígenas; a oficialização da grilagem; a mente economicista; a perseguição e a criminalização de lideranças que lutam pela justiça social no campo; o adoecimento do solo - e uma saraivada de políticas que afrontam os direitos humanos - repercutindo nos territórios quilombolas, camponeses e indígenas, entre outros, dão a pista onde estou pisando.

Não só eu, mas todos.

É mesmo necessário saber onde está se pisando.

Vivemos num mundo em que a violência é transformada em paradigma para solução da própria violência; que a venda do país se coloca como a solução dos problemas do país; que a destruição dos ecossistemas, dos biomas e dos canais é feita tentando ridicularizar os que defendem a vida plena.

Talvez tivesse que dizer à minha mãe que tão importante quanto ver onde está se pisando, é ver quem está nos pisando. Por isso, havemos de incluir na consciência pictórica do mundo uma compreensão: o rio é mais que o rio, pescar paisagens, portanto, é uma forma de se localizar. Sabemos com o professor Elvio Martins-USP: “ser é pertencer; ser é localizar-se”.

Ou como temos aprendido nas águas da Saúde do Trabalhador: o ser é inteiro, o adoecimento o fratura.

O ser é rio majestoso.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.